

HISTÓRIA AOS DOMINGOS

Pioneiro nos estudos sobre a revolução de 1930, Boris Fausto explorou a micro-história e a autobiografia

Diego Viana

Ao evocar o último encontro que teve com o historiador Boris Fausto, morto em 18 de abril, aos 92 anos, a cientista política Lourdes Sola recorda que as conversas giraram em torno da “carreira solo” de ambos. Apesar de pertencerem ao Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DCP-FFLCH-USP), suas trajetórias sofreram influência de golpes de Estado, circunstâncias familiares e interesses de pesquisa.

Fausto deu a um de seus livros de teor autobiográfico o título *Memórias de um historiador de domingo* (Companhia das Letras, 2010). O nome expressa um senso de humor autoirônico, mas não é exagerado. De fato, nas primeiras décadas de sua atividade intelectual, a pesquisa era uma atividade paralela à atuação profissional como advogado, consultor jurídico da USP e procurador do estado. Nascido em 1930, formou-se pela Faculdade de Direito da mesma universidade em 1953. Dez anos mais tarde, ingressou na graduação em história, também na USP, incentivado por sua mulher, a educadora Cynira Stocco Fausto (1931-2010). Concluiu o curso em 1966 e completou o doutorado em 1969, orientado por Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982).

Fausto dizia que sua carreira atípica era fonte ao mesmo tempo de limitações e de liberdade. Como não podia se afastar por longos períodos do posto de trabalho na USP, decidiu se dedicar a temas ligados à cidade de São Paulo e à historiografia. Por outro lado, como não estava imerso no dia a dia da carreira acadêmica, que começava a se profissionalizar nessa época, pôde escolher temas, métodos de pesquisa e estilos de texto mais afinados a seu gosto.

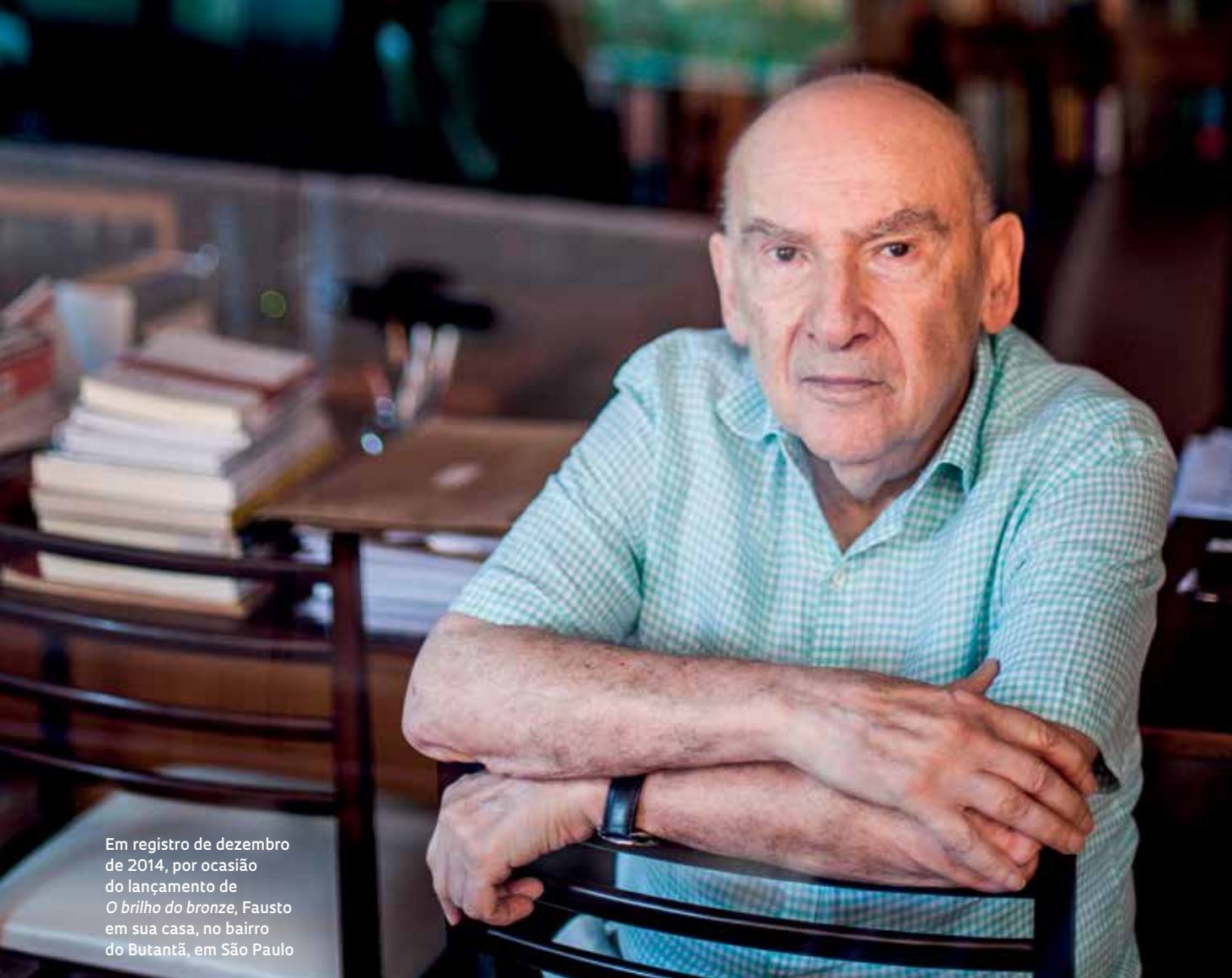
“Sem levar em conta seu alto grau de autonomia e independência intelectual, é impossível definir o Boris”, declara Sola. “Não tem uma fórmula para chegar a essa autonomia. É a característica de quem vai navegando motivado por um impulso, uma curiosidade, uma formação intelectual sólida, uma escrita excelente. Boris foi atípico na história e foi atípico na ciência política.”

A característica aparece em seu primeiro livro, resultado de sua tese de doutorado: *A revolução de 1930: História e historiografia* (Brasiliense, 1970). A intenção declarada do estudo era criticar a interpretação hegemônica da época, formulada pelo historiador Nelson Werneck Sodré (1911-1999), que via o levante que levou Getúlio Vargas (1882-1954) ao poder como momento de triunfo da burguesia nacional, em conflito com elites agrárias, que seriam mais atrasadas.

No artigo “O Estado Novo e o debate sobre o populismo no Brasil”, a historiadora Ângela de Castro Gomes, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), afirma que esse livro foi “a primeira grande contribuição historiográfica que tomou a revolução de 1930 como objeto” e influenciou decisivamente na compreensão desse evento histórico.

A obra de Fausto caracteriza-se pelo diálogo com as ciências sociais que aparece, por exemplo, em sua tese de livre-docência no DCP, concluída em 1975: *Trabalho urbano e conflito social, 1890-1920* (Difel). Nela, Fausto trata da formação da classe trabalhadora e do movimento operário em São Paulo e no Rio de Janeiro durante a Primeira República. Sua motivação foi o diálogo com o cientista político Francisco Weffort (1937-2021), no âmbito do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), que ambos integravam desde 1971. A convite de seu orientador Sérgio Buarque de Holanda, organizou os quatro volumes dedicados ao Brasil republicano da coleção *História geral da civilização brasileira* (Difel), publicados em 1980.

Sola aponta dois livros posteriores como representativos do caráter multidisciplinar do trabalho de Fausto: sua *História do Brasil* (Edusp, 1994) e a obra *Argentina-Brasil 1850-2002: Um ensaio*



Em registro de dezembro de 2014, por ocasião do lançamento de *O brilho do bronze*, Fausto em sua casa, no bairro do Butantã, em São Paulo

de história comparada (Editora 34, 2004), uma parceria com o historiador argentino Fernando Devoto. “Sua abordagem é sobretudo de história política, mas é mais multidisciplinar do que se poderia esperar. Ele tem consciência das dimensões econômicas dos problemas de história do Brasil, algo que os historiadores e os cientistas políticos muitas vezes não têm”, observa.

Nas décadas de 1980 e 1990, embora tenha mantido sua atenção sobre a Primeira República, enveredou por um novo tema: a criminalidade, que lhe permitiu explorar a sociologia urbana e o tema da imigração, pelo qual nutria grande interesse. O primeiro resultado foi *Crime e cotidiano: A criminalidade em São Paulo, 1880-1924* (Brasiliense, 1984), que examina as relações sociais que circundavam os delitos, além do papel de controle social exercido pela

repressão. O tema voltaria em obras publicadas bem mais tarde, como *O crime do restaurante chinês* (Companhia das Letras, 2009), baseado em um assassinato ocorrido em São Paulo em 1938, que chamou a atenção de Boris quando menino, ao ler sobre ele nos jornais.

Nesses livros, o historiador exercita uma linguagem menos técnica, que muitos leitores consideraram próxima à literatura. A inspiração é a micro-história, corrente originada na Itália dos anos 1970, que parte de episódios pontuais, muitas vezes notícias da imprensa, para traçar o retrato de um período histórico.

Nascido em São Paulo no mesmo ano da revolução que estudaria mais tarde, o historiador era filho de imigrantes judeus e contava que o gosto pelo conhecimento vinha da herança judaica e o interesse pela história, da leitura de jornais para um avô cego. Na escola, foi aluno da historiadora Emilia Viotti da Costa (1928-2017), que aguçou seu inte-

resse pela disciplina e, mais tarde, seria sua amiga e professora na universidade.

Sola atribui o senso de humor, o gosto pelas memórias e o interesse pelo tema da imigração a essa origem familiar. O livro *Negócios e ócios: Histórias da imigração* (Companhia das Letras, 1997) é ao mesmo tempo autobiográfico e um ensaio sobre a vida dos estrangeiros em São Paulo. Seu último livro memorialístico foi lançado há cerca de dois anos: *Vida, morte e outros detalhes* (Companhia das Letras). Desde 2021, sofria as consequências de um acidente vascular cerebral (AVC).

Para o pesquisador nas áreas de filosofia da lógica e de história da filosofia Luiz Henrique Lopes dos Santos, da FFLCH-USP e coordenador adjunto da Diretoria Científica da FAPESP, na condição de coordenador de área na segunda metade dos anos 1980, Fausto desempenhou um papel fundamental na consolidação das áreas de ciências humanas e humanidades na FAPESP. ■